16:55 36%

Opinião do GLOBO

Ataques de Trump à aliança atlântica geram instabilidade

Ao lançar diatribes contra a Otan, virtual candidato republicano sabota principal pilar da paz global

Desde que se lançou na corrida para a eleição presidencial deste ano, Donald Trump retomou suas provocações contumazes. O último alvo foi a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), acordo militar entre Estados Unidos, Canadá e países europeus. Em comício de campanha, ele relembrou a pergunta do líder de "um grande país" da Europa quando era presidente: "Se não pagarmos e formos atacados pela Rússia, você nos protegerá?". Trump disse que respondeu: "Não, eu não os protegeria. Na verdade, eu os encorajaria a fazer o que diabos quisessem".

A declaração de Trump é lastimável por colocar em dúvida o artigo número 5 do tratado, segundo o qual um ataque a qualquer integrante da aliança deve ser encarado como ataque a todos. Isso significa que os países mais fortes se comprometem a defender os mais fracos quando agredidos. Esse poder de dissuasão tem evitado há décadas uma guerra entre países da Otan e a Rússia.

É verdade que o petardo de Trump contra a aliança atlântica poderia não passar de mais uma bravata dele. Afinal, apesar de todos os ataques, das inclinações isolacionistas e dos acenos explícitos de Trump ao russo Vladimir Putin durante seu governo, a Otan resistiu incólume. Com a agressão da Rússia à Ucrânia, até cresceu com a adesão de dois países nórdicos antes neutros (Suécia e Finlândia). Mas há indícios de que, desta vez, caso eleito, Trump terá mais poder para pôr em marcha seus desígnios. É de que, por força da guerra em curso na Europa, eles venham a ser testados.

Em recente entrevista, o ministro da Defesa da Dinamarca, Troels Lund Poulsen, constatou uma roudança nos cenários traçados no continente. Para Poulsen, não se pode descartar a possibilidade de a Rússia, que invadiu a Ucrânia justamente para evitar que ela entrasse na Otan, pôr à prova a solidariedade atlântica nos próximos anos, algo que não era cogitado no ano passado. "Está vindo à tona agora", disse.

Trump encara a aliança atlântica como um negócio. Em 2006, os países da Otan concordaram em gastar no mínimo 2% do PIB em defesa. No primeiro ano da Presidência de Trump, apenas quatro dos 29 integrantes atingiam a meta. No último ano de governo, eram nove. Os gastos com defesa de europeus e canadenses saíram de US$ 277 bilhões em 2017 para US$ 314 bilhões em 2020. Trump vê os países que não cumprem a meta como "inadimplentes". Mas, mesmo com a saída dele da Casa Branca, os europeus continuaram a aumentar o gasto, que alcançou US$ 356 bilhões em 2023. A razão é óbvia: a instabilidade gerada pela guerra na Ucrânia. A Polônia, com vasto histórico de agressões russas, investiu 3,9% do PIB em defesa no ano passado.

Por décadas, a tendência isolacionista no eleitorado americano era combatida por um esforço bipartidário. Se Trump vencer, ficará mais difícil. Elejá tem agido para bloquear um novo pacote de ajuda à Ucrânia no Congresso.

Os Estados Unidos detêm as armas mais poderosas do mundo e gerações de soldados com experiência em combate. O apoio europeu é um enorme ativo para dissuadir russos e chineses de ações militares. Não é preciso criatividade para imaginar o risco para o planeta do afastamento americano da Otan. Basta lembrar que ela tem mantido o mundo em estado de paz relativa — com vários conflitos regionais, mas sem enfrentamento direto de grandes potências — desde a Segunda Guerra.

Minas Gerais e Santa Catarina erram ao dispensar carteira de vacinação

Exigência para matrícula escolar é eficaz para elevar cobertura vacinal e reduzir risco de contágio por doenças

Nos últimos anos, os índices de vacinação no Brasil caíram. Em 2023, foi constatada ligeira melhora depois de sete anos de queda. Das oito vacinas recomendadas até 1 ano de idade, só uma (contra catapora) não avançou. Mas a boa notícia deve ser vista com cautela. De modo geral, a cobertura se mantém abaixo da meta preconizada pelo Ministério da Saúde e necessária para atingir o nível de imunidade coletiva que detém a circulação dos causadores das doenças, em torno de 95% do público-alvo.

Níveis abaixo disso podem abrir espaço à volta de moléstias já controladas. Um exemplo é o sarampo. Em 2016, o Brasil recebeu o certificado de erradicação da doença. Dois anos depois, em meio à cobertura insuficiente, ela ressurgiu no Norte e se espalhou. Com reforço na imunização, a situação pôde ser novamente controlada, e o país aguarda nova certificação.

Diante de tal quadro, são temerárias as decisões dos governadores de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), e Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), de dispensar a exigência de vacinação nas matrículas escolares. Em vídeo, Zema afirmou que todo aluno, independentemente de ter se vacinado, terá acesso às escolas. Mello também divulgou vídeo dizendo que nenhuma criança ficará fora da escola por não ter tomado vacina contra Covid-19 (incluída no calendário oficial neste ano).

Não demorou para que Mello fosse seguido pelas prefeituras de diversos municípios catarinenses. Ao se manifestar sobre o assunto, o Ministério Público de Santa Catarina disse que os decretos excluindo a vacina da Covid-19 do calendário oficial são inconstitucionais. E lembrou que o Supremo Tribunal Federal (STF) já dera parecer favorável à vacinação obrigatória de crianças.

A vacinação infantil não pode ficar ao sabor de inclinações políticas. O artigo 14 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma taxativamente: "É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias". Pesquisa do Ministério da Saúde relacionou os obstáculos que contribuem para os índices baixos. As campanhas antivacina são apenas um. Há problemas logísticos, como localização e horário de funcionamento dos postos, falta de doses e a visão equivocada de que doenças já controladas — como poliomielite — não trazem risco. É um engano perigoso, pois elas só estão adormecidas devido à vacinação maciça.

Em situações de emergência, a demanda por vacinas cresce. Na vacinação de rotina, porém, a procura infelizmente tem ficado aquém do esperado, a ponto de vacinas que custaram caro irem para o lixo. Elevar os índices de cobertura vacinal no país é tarefa de todos. As escolas podem cumprir papel importante nesse esforço, não só pela capilaridade e proximidade com o cidadão, mas também porque são espaços propícios para educar e informar. Exigir a carteira de vacinação no ato da matrícula ou para ter direito a programas sociais do governo é medida fundamental para a saúde dos brasileiros.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES

blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br

A cultura é o melhor do Brasil

Caetano Veloso e Gilberto Gil, ambos aos 81 anos, em cima do trio dos Filhos de Gandhy, vestidos com o tradicional manto azul e branco e turbantes, para celebrar os 75 anos do bloco de afoxé, que homenageou o filho mais ilustre de Santo Amaro neste ano.

Ivete Sangalo, dona do hit do ano em conjunto com Ludmilla, recebendo em seu trio Baby do Brasil, que já foi Consuelo, travando o diálogo-síntese não só do Carnaval de 2024, mas do momento atual do Brasil.

Conceição Evaristo no alto do carro alegórico com a Velha Guarda da Portela, num tributo a "Um Defeito de Cor", clássico moderno da literatura brasileira, de outra mineira como ela, de outra geração, Ana Maria Gonçalves.

São apenas três cenas, ocorridas em poucos dias, entre tantos encontros somente neste ano, em duas das centenas de cidades do país que param tudo por (pelo menos) quatro dias para a folia.

O carnaval é a expressão maior da identidade brasileira, é aquilo que produzimos de único, que catalisa as atenções do resto do mundo para o Brasil. O deste ano parece ter espanado os últimos resquícios da pandemia e do obscurantismo que grassaram nos anos mais recentes.

Não é à toa que o bolsonarismo, como todo movimento de característica reacionária, tenha procurado estigmatizar a cultura como um todo, e o carnaval em particular, numa das muitas estratégias para dividir a sociedade e cristalizar uma polarização política limitadora e irracional.

Quem não se lembra do vídeo do "golden shower", que o agora investigado no inquérito da Abin Carlos Bolsonaro escolheu a dedo como "símbolo" ainda no primeiro ano do governo do pai, quando o novo coronavírus não estava nem no radar? Desde então, não faltaram, ano a ano, "influenciadores" ou políticos bolsonaristas para tentar classificar o carnaval como festa promíscua, destinada à destruição dos valores religiosos e familiares.

O tema da economia criativa e da cultura como veículos para a redução das desigualdades tem de ser central na próxima eleição

De todas as descompressões por que passa o país depois de 8 de janeiro de 2023, o restabelecimento de políticas culturais pelo governo federal e o fim de uma plataforma voltada para marginalizar e até criminalizar produtores culturais, artistas e empresários do setor certamente foram das mais relevantes.

A economia criativa tem, junto à indústria da transição energética, um dos maiores potenciais de crescimento econômico e ganho de estatura global no Brasil hoje. Resgatar o reconhecimento internacional que o Brasil já teve na música, graças a movimentos como a Bossa Nova e a MPB, e explorar cada vez mais o potencial econômico de eventos culturais — não só o carnaval, mas o São-João do Nordeste ou as festas do Boi, com suas diferenças regionais — não deveria ser reduzido a um debate pobre e infantil entre o que é de direita ou de esquerda, mas tratado como projeto estratégico de promoção social e construção educacional e cívica.

O fato de o carnaval ser o sucesso que é, em diversas manifestações — só o carnaval de rua tem configurações absolutamente próprias a depender do estado —, a despeito da crônica desorganização, desses debates políticos de quinta categoria e da infiltração da contravenção e do crime justamente onde o poder público falha, mostra quanto o país poderia alavancar seu desenvolvimento se desse a essa e outras expressões da brasilidade o caráter de uma prioridade, e não de um feriado a mais no calendário.

A sociedade, os empresários e os governos de diferentes partidos parecem a cada ano despertar um pouco mais para o fato de desprezarem um maná valioso.

O tema da economia criativa e da cultura, como veículos para a redução das múltiplas desigualdades que castigam o Brasil, tem de ser central na próxima eleição municipal. Que esse seja um legado que vá bem além da Quarta-Feira de Cinzas.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alves, André Vieira da Fábula Bartolsa, Luiza Bapteista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Coradi Prosa - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiis - leila.suwiis@sp.oglobo.com.br
Saúde: Ariana Dias Lopes - ariana.dias@oglobo.com.br
Segundo Caderno: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.mach.ado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Catarina Goulart - cgoulart@oglobo.com.br
Arte e Qual Região: William Pinheiro Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.G: Vera Caruso - veracaruso@oglobo.com.br
Bairros: Wilter Catrion Filho - wilterc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito
ou débito automático em conta-corrente
(preço de seguinte ao mês)
Cariocas RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie de qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO sem sair pela porta de casa, acesse para venda avulsa@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e Kinders: (21) 2534-4313 Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

A marca do papel responsável
Leia mais e fale grátis. Conheça o FSC
CARBON FREE